

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 503
 Data: 29.09.85 Pg.: _____



Em defesa da vida

A beleza triste dos yanomami: um povo em extinção

Na auto-estrada que sai de Munique para o castelo de Nymphenburg, onde viveu o lendário Ludwig I, as placas do caminho são todas de uma cor só, um cinza-metálico, para orientar os motoristas durante o dia e à noite. Apenas uma cidade, nessas placas, tem cor diferente: Dachau, nome maldito para a nova geração alemã, está escrito em amarelo, bem destacado, para que a história não mais se repita. Dachau, como outros pontos da Europa Central, tem um passado carregado de pesadelos. Lá, a prepotência humana exterminou milhões de pessoas. Como em Auschwitz e Sobibor, lá foram assassinados judeus em nome da doutrina nazista. Dachau foi campo de concentração.

Foi ali, há pouco menos de 40 anos, que morreu um homem de sobrenome Andujar, judeu-húngaro. Esse desconhecido não teve tempo de ter muitos filhos. Foi preso cedo e poucas pessoas de sua família sobreviveram: sua mulher, que hoje vive em São Paulo e sua filha, testemunha do extermínio de um povo e que hoje, depois de viver os horrores da guerra, luta em defesa da vida de outro povo ameaçado: os yanomami.

Trata-se de Cláudia Andujar, brasileira naturalizada, fotógrafa, com curso em Humanidades na Faculdade de Hunter, New York. Cláudia, uma mulher como outras, mas que se dedica à sobrevivência de uma minoria étnica. Ela se lembra que seu povo foi exterminado e teme que o mesmo destino dos judeus se reviva nos yanomami, a última grande nação primitiva do mundo.

Nascida em Neuchâtel, Suíça, francesa, sua ligação com os yanomami tem um início curioso: foi como fotógrafa da extinta revista "Realidade", no início dos anos 70 que Cláudia co-

nheceu esses índios. E depois, já como bolsista de uma fundação, ela voltou a trabalhar com eles. Seu interesse, até então, era fazer um levantamento fotográfico desse povo.

De repente, no final do governo Médici, uma estrada surge no território yanomami. Era a Perimetral Norte, que liga o nada a coisa nenhuma, pois acaba no meio da floresta e ninguém, até hoje, sabe explicar porque foi aberta. Logo no início da construção, a fotógrafa assiste a primeira epidemia que vitimou os yanomami. Deixou as câmeras de lado e se transformou em enfermeira.

A segunda epidemia, em 1976, fez um número maior de vítimas, 68 morreram e, nesse dia, Cláudia percebeu que não podia mais olhar os índios por detrás das lentes. Abandonou as máquinas, os filtros, o laboratório e se engajou de corpo e alma na defesa dos yanomami e seu território.

Lembranças

Foi a lembrança do pai morto em Dachau e do resto da família exterminada em Auschwitz que decidiu Cláudia. "Desde pequena — diz ela — por ter sofrido a perseguição de uma minoria, me coloquei ao lado dos perseguidos. Depois de duas epidemias, quando vi os índios morrerem de uma doença como sarampo, não tive mais dúvidas. Mergulhei no problema deles".

Ela conta também como encontrava os mortos: "Um dia, caminhamos por uma semana na mata e, nas proximidades do rio Lobo D'Almada, avistamos aldeias. Eram três cemitérios. Os índios estavam todos mortos, dizimados pelo sarampo. Não havia mais alternativa a não ser defendê-los contra uma sociedade mais forte".

No começo, a defesa foi fácil. Ainda não haviam descoberto minérios em seu território.

Depois, quando os brancos souberam que sob os pés yanomami havia bauxita, ouro, diamantes, tungstênio e até urânio, estar ao lado deles passou a oferecer risco de vida. Hoje, Cláudia Andujar está ameaçada de morte em Boa Vista, capital de Roraima.

Ela parece não levar a sério essas ameaças. E sabe que, mesmo os makuxi, outro grupo indígena de Roraima, estão prontos a protegê-la, até quando garimpeiros oferecem bebidas a esses índios em troca do endereço de Cláudia.

Fantasia

Cabelos curtos, elegância discreta, gestos calmos, Cláudia, ao longo desses anos conquistou amigos, inimigos, prêmios com suas fotos para as revistas "Realidade", "Time" e "Look" e até se transformou em fantasia erótica de alguns parlamentares roraimenses. Eles a imaginam nua, no meio da floresta, cercada de índios, correndo pela beira dos rios e cachoeiras, como nos filmes estereotipados do paraíso tropical.

Quando ouve essas histórias, pouco se altera, apenas sorri e pergunta, incrédula: "Será verdade? Não é possível". Mesmo depois de ter visto a guerra, de ter sido ameaçada de morte, ela continua acreditando na bondade.

Essa semana, Cláudia, que sobreviveu à guerra "por milagre", passou por mais uma prova de fogo. A Comissão do Índio votava projeto de abertura de garimpo na terra yanomami. Atenta, ela acompanhou todos os passos da ambígua comissão, enquanto lembrava que nenhum povo, mesmo as minorias, nasceu para viver cercado pelos arames farpados dos campos de concentração. E, como outras mulheres, vai impondo sua delicada força em defesa da vida.

Memélia Moreira

Mundo de buracos

Roberta Sabino

Yanomami, na língua desse povo, significa "homem, pessoa". Eles vivem espalhados em Roraima, Amazonas e Venezuela, num total de 18 mil indivíduos. Os yanomamis se subdividem em grupos, entre eles os opkteri — os mais atingidos pelo sarampo —, os wawanaviteri e outros.



Cláudia Andujar

O lugar sagrado desses índios é a serra das Surucucus, em Roraima. Ali, segundo a mitologia, nasceu o povo yanomami. Ali concentram-se mais de três mil índios, quase sem contato e que recusam qualquer tentativa dos nabe (estrangeiros) de invadir seu território. Ali, como em outras áreas a terra está ameaçada por garimpeiros, mineradoras e aventureiros.

A área foi interditada pelo governo brasileiro em 1980. Isso significa que ela não pode ser ocupada por outros. Mas, de fato, desrespeitando a legislação, os garimpos proliferam. A Funai, sem recursos, não consegue manter a integridade física desse território e a Co-

missão de Criação do Parque Yanomami, coordenada por Cláudia Andujar, luta para a demarcação do parque.

Os espíritos Yanomami, os hekura, vigiam as invasões. E, de vez em quando, castigam. Como dizem os índios, a agressão contra a terra tem um preço caro. "o mundo se enche de buracos".